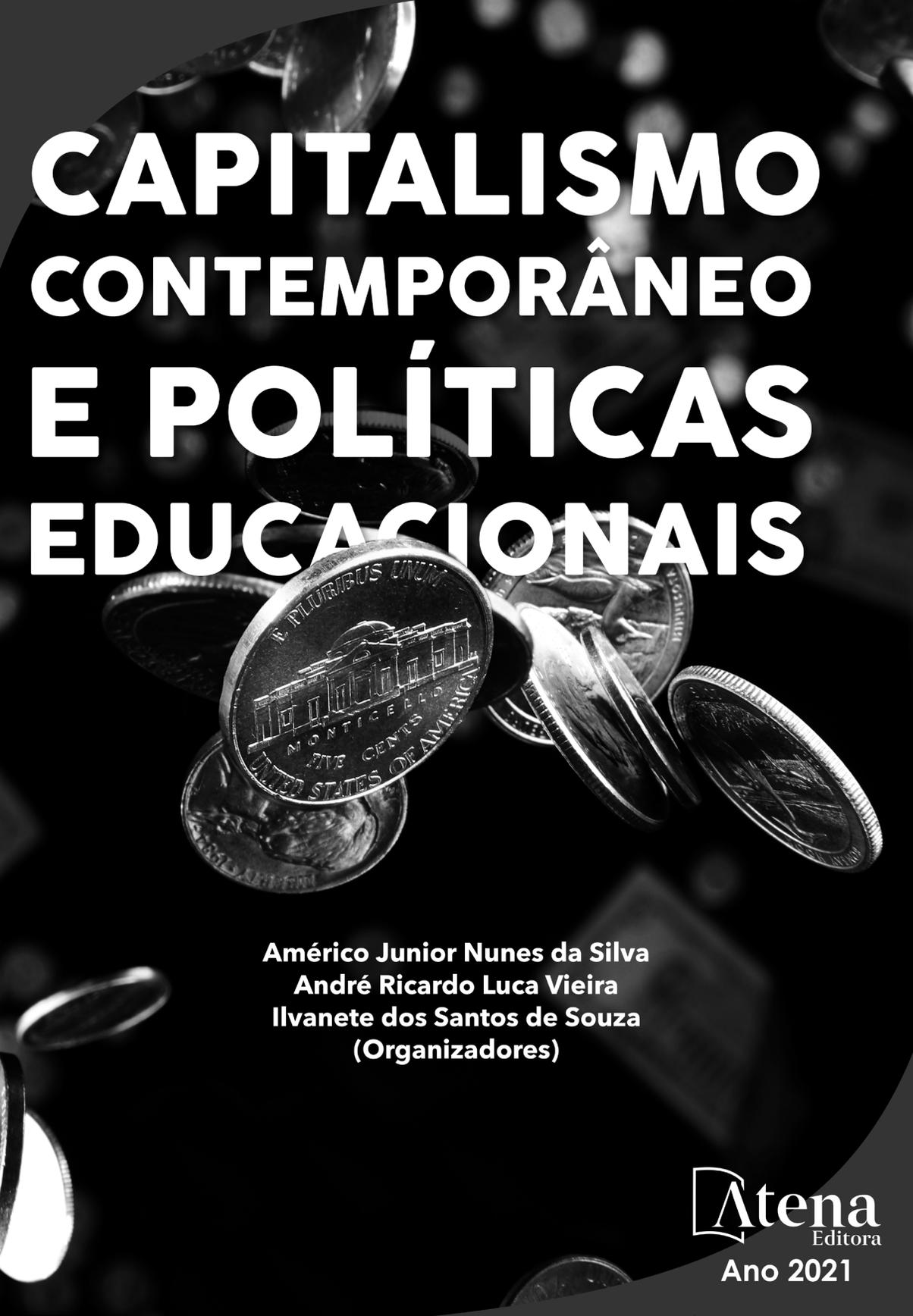


CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

**Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Luca Vieira
Ilvanete dos Santos de Souza
(Organizadores)**

Atena
Editora

Ano 2021



CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

**Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Luca Vieira
Ilvanete dos Santos de Souza
(Organizadores)**

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaió – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Capitalismo contemporâneo e políticas educacionais

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
Ivanete dos Santos de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C244 Capitalismo contemporâneo e políticas educacionais / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André Ricardo Lucas Vieira, Ivanete dos Santos de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-167-8

DOI 10.22533/at.ed.678211106

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador). III. Souza, Ivanete dos Santos de (Organizadora). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a (re) pensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. Mesmo em 2021, com a aprovação do uso das vacinas no Brasil e com aplicação a passos lentos, seguimos um distanciamento permeado por angústias e incertezas: como será o mundo a partir de agora? Quais as implicações do contexto pandêmico para as questões sociais, sobretudo para a Educação no Brasil? Que políticas públicas são e serão pensadas a partir de agora em nosso país?

E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro. Sabemos, partindo do que nos apresentaram Silva, Nery e Nogueira (2020, p. 100), que as circunstâncias do contexto pandêmico são propícias e oportunas para construção de reflexões sobre os diversos “aspectos relativos à fragilidade humana e ao seu processo de ser e estar no mundo, que perpassam por questões culturais, educacionais, históricas, ideológicas e políticas”. Essa pandemia, ainda segundo os autores, fez emergir uma infinidade de problemas sociais, necessitando assim, de constantes lutas pelo cumprimento dos direitos de todos.

Como assevera Santos (2020), desde que o neoliberalismo foi se impondo como versão dominante do capitalismo o mundo tem vivenciado um permanente estado de crise; onde a educação e doutrinação, o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado são os principais modos de dominação ao nível dos Estados.

Nesse sentido, a pandemia, ainda segundo o autor anteriormente referenciado, veio apenas agravar a crise que a população tem vindo a ser sujeita. Esse movimento sistemático de olhar para as crises, postas na contemporaneidade, faz desencadear o que o que Santos (2020, p. 10) chamou de “[...] claridade pandêmica”, que é quando um aspecto dessa crise faz emergir outros problemas, como os relacionados à sociedade civil, ao Estado e as políticas públicas, por exemplo. É esse, ainda segundo o autor, um momento catalisador de mudanças sociais.

As discussões empreendidas neste livro, intitulado “**Capitalismo Contemporâneo e Políticas Educacionais**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re) pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Na direção do apontado anteriormente, é que professoras e professores pesquisadores, de diferentes instituições e países, voltam e ampliam o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade. É um desafio, portanto, aceito por muitas e muitos que aceitaram fazer parte dessa obra.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestradas, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

André Ricardo Lucas Vieira

Ilvanete dos Santos de Souza

REFERÊNCIAS

SILVA, A. J. N. DA; NERY, ÉRICA S. S.; NOGUEIRA, C. A. Formação, tecnologia e inclusão: o professor que ensina matemática no “novo normal”. **Plurais Revista Multidisciplinar**, v. 5, n. 2, p. 97-118, 18 ago. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O AVANÇO DA FRONTEIRA AGRÍCOLA E SEUS IMPACTOS SOBRE AS TERRAS INDÍGENAS E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA AÇAIZAL – AMAZÔNIA – BRASIL

Hellen Regina Martins Rocha

Vanja da Cunha Bezerra

Messias Furtado da Silva

Claudio Emidio-Silva

DOI 10.22533/at.ed.6782111061

CAPÍTULO 2..... 15

MOVIMENTOS SOCIAIS E A POLITICA DE EDUCAÇÃO NO CAMPO

Armanda Rachel Botelho Mourão

William de Farias Barros

DOI 10.22533/at.ed.6782111062

CAPÍTULO 3..... 26

CICLO DE DEBATES DE POLÍTICAS PÚBLICAS: APROXIMANDO UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

Ethel Louise Pereira dos Santos

Larissa Antunes Zanotti

Maria Virgínia Martins Mattar

Nathália Gonçalves Ferreira

Giovanna Carvalho de Almeida Avelar

Gustavo Costa de Souza

DOI 10.22533/at.ed.6782111063

CAPÍTULO 4..... 38

A EVOLUÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS MUDANÇAS DESDE A PRIMEIRA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL ATÉ A LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO

Marcella Arraes Castelo Branco

Elenice de Alencar Silva

Flávio Ricardo Silva Sousa

DOI 10.22533/at.ed.6782111064

CAPÍTULO 5..... 52

CONSTRUÇÕES LÚDICAS DE BONECAS (OS) NA PERSPECTIVA DO CORPO E GÊNERO

Lidia Andrade da Silva

Leilane Alves Chaves

Nathália Martins Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6782111065

CAPÍTULO 6..... 62

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E REFERÊNCIAS ANGLO- AMERICANAS NO

PENSAMENTO DE ANÍSIO TEIXEIRA DO PERÍODO DE 1951 A 1971

Naiara Ramos

José Geraldo Pedrosa

DOI 10.22533/at.ed.6782111066

CAPÍTULO 7..... 72

REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DO MEIO AMBIENTE PARTILHADAS POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Francisca de Fátima de Lima Sousa

Dálet Helen Vasconcelos Veras Lima

João Pedro Cardoso de Macedo

Dinalva Clara Monteiro Santos Silva

Wyadyson Francisco de Sousa Maciel

DOI 10.22533/at.ed.6782111067

CAPÍTULO 8..... 84

O PROGRAMA INTEGRAL DE SAÚDE DA MORADIA ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Nathália Dias Pereira Alves Oliveira

Renato Pereira da Silva

Maria das Dores Saraiva de Loreto

DOI 10.22533/at.ed.6782111068

CAPÍTULO 9..... 95

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: COMO EDUCAR PARA A PAZ EM TEMPOS DIFÍCEIS?

Denilson Douglas de Lima Cardoso

Valdivina Alves Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6782111069

CAPÍTULO 10..... 105

GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA, UMA REALIDADE POSSÍVEL: LEI Nº 7.040/98/ SEDUC/MT NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE MATO GROSSO

Márcio Paz Câmara

Silvia Regina Canan

DOI 10.22533/at.ed.67821110610

CAPÍTULO 11..... 115

EMPREENDEDORISMO SOCIAL E EDUCAÇÃO SUPERIOR: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO ACERCA DOS PROFESSORES DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Mirela Viersa Morillo

Rodrigo Augusto Prando

DOI 10.22533/at.ed.67821110611

CAPÍTULO 12..... 132

COOPERAÇÃO INTERGOVERNAMENTAL: A SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE JUIZ DE FORA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO

Polyana Gomes de Matos

DOI 10.22533/at.ed.67821110612

CAPÍTULO 13	143
LIMITES DAS POLÍTICAS SOCIOEDUCACIONAIS NO BRASIL FRENTE ÀS DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS	
Telmo Marcon	
DOI 10.22533/at.ed.67821110613	
CAPÍTULO 14	155
O PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL E A POLÍTICA DE PERMANÊNCIA DOS DISCENTES DA EPT NO ENSINO MÉDIO EAD	
Angelimar Santana Santos	
Marcelo Vera Cruz Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.67821110614	
CAPÍTULO 15	175
O PROCESSO DE ENSINO COMO INSTRUMENTO PARA EMANCIPAÇÃO HUMANA	
Janaina Rossarolla Bando	
Daniel Pulcherio Fensterseifer	
DOI 10.22533/at.ed.67821110615	
CAPÍTULO 16	185
REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE PEDAGOGIA: AS POSSIBILIDADES DE UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR	
Maurício Cosme de Lima	
Simone Ferreira Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.67821110616	
CAPÍTULO 17	196
TECNOLOGIA SOCIAL, SUSTENTABILIDADE E CIÊNCIAS POR MEIO DE CADERNO PEDAGÓGICO	
Natalia de Lima Bueno	
Amanda Bastos Almeida	
Gabriel Ribeiro Griten	
Jessica Alessandra Hungaro	
DOI 10.22533/at.ed.67821110617	
CAPÍTULO 18	202
VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E SUAS MANIFESTAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR: UM RECORTE TEÓRICO SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	
Helenice Bastos Batista Rocha	
Maria de Fátima de Andrade Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.67821110618	
CAPÍTULO 19	216
O QUASE-MERCADO EDUCACIONAL BRASILEIRO E A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA ENQUANTO PROJETO DE NAÇÃO	
Cristian Correna Carlo	

DOI 10.22533/at.ed.67821110619

CAPÍTULO 20	228
A DECOLONIALIDADE NO CURRÍCULO MÍNIMO DE SOCIOLOGIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Vitória Marinho Wermelinger	
DOI 10.22533/at.ed.67821110620	
CAPÍTULO 21	240
REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO, INTERCULTURALIDADE, GÊNERO E DIREITOS HUMANOS	
Isadora Pereira Dias	
Giovana Giraldelli Mendes Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.67821110621	
CAPÍTULO 22	248
APREENSÕES SOBRE A DISCIPLINA POLÍTICA, GESTÃO E FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Fábio Mamoré Conde	
Evelyn Iris Leite Morales Conde	
DOI 10.22533/at.ed.67821110622	
CAPÍTULO 23	257
NO ESTAR SENDO PEDAGOGO, PRIMEIROS DIÁLOGOS SOBRE E COM CIDADES EDUCADORAS	
Paula dos Santos de Oliveira	
Stefani Iolanda Gomes de Lima	
Lígia Dadalt Casaril	
Eliara Zavieruka Levinski	
DOI 10.22533/at.ed.67821110623	
CAPÍTULO 24	270
DA CÉDULA DE 200 REAIS AO NICHU E HABITAT: ANÁLISE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DIALÓGICA	
Andiara Aparecida Sousa	
Richard Lima Rezende	
Antonio Fernandes Nascimento Junior	
DOI 10.22533/at.ed.67821110624	
CAPÍTULO 25	277
A NOÇÃO DE TRAVESSIA COMO DIALÉTICA CONCEITUAL	
Vagno Emygdio Machado Dias	
DOI 10.22533/at.ed.67821110625	
SOBRE OS ORGANIZADORES	290
ÍNDICE REMISSIVO	292

CAPÍTULO 1

O AVANÇO DA FRONTEIRA AGRÍCOLA E SEUS IMPACTOS SOBRE AS TERRAS INDÍGENAS E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA AÇAIZAL – AMAZÔNIA – BRASIL

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão: 29/04/2021

Hellen Regina Martins Rocha

Programa de pós-graduação em Educação
Escolar Indígena - Universidade do Estado do
Pará
Santarém-Pará
<https://orcid.org/0000-0002-8090-7870>

Vanja da Cunha Bezerra

Universidade do Estado do Pará. Núcleo de
Formação Indígena
Belém-Pará
Orcid iD: 0000-0001-8734-7055

Messias Furtado da Silva

Universidade do Estado do Pará. Núcleo de
Formação Indígena
Belém-Pará
<https://orcid.org/0000-0001-6744-2055>

Claudio Emidio-Silva

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Belém-Pará
<https://orcid.org/0000-0001-8769-5383>

RESUMO: Este artigo é resultado de pesquisa do tipo participante desenvolvida no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará e tem como objeto de estudo os impactos ambientais que ocorrem pela inserção do cultivo da soja, no modo capitalista atual, no entorno do Território Indígena Korodoyb, região sudeste do Estado do

Pará, e sua influência na forma de ser e viver de indígenas habitantes da Aldeia Açaizal. O objetivo desde foi conhecer tais impactos, construir material didático específico e diferenciado para trabalhar na escola indígena da aldeia, aplicar o material com os alunos para depois colher deles a percepção acerca dos danos que o avanço do agronegócio traz para o povo indígena. A pesquisa se realizou por meio de entrevistas abertas, observação, aplicação de atividades escolares, e construção de desenhos sobre a cartografia espacial local. Os resultados nos mostram a grande preocupação das lideranças com o avanço do agronegócio sobre as terras indígenas e que a percepção dos alunos sobre o problema se tornou mais fácil a partir do material construído, a partir do olhar do próprio indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Agronegócio, Impactos ambientais, Educação Escolar Indígena, Capitalismo.

THE ADVANCEMENT OF THE AGRICULTURAL BORDER AND ITS IMPACTS ON INDIGENOUS LANDS AND INDIGENOUS SCHOOL EDUCATION: THE CASE OF AÇAIZAL VILLAGE – AMAZONIA – BRAZIL

ABSTRACT: This article is the result of research of participant-type, developed in the Indigenous Intercultural Degree Course at the Universidade do Estado do Pará and its object of study is the environmental impacts that occur due to the insertion of soybean cultivation, in the current capitalist mode, around the Korodoyb Indigenous Territory, southeast region of the State of Pará,

and its influence on the way of being and living of indigenous habitants of Aldeia Açaizal, with the objective of knowing such impacts, building specific and differentiated didactic material to work in the village's indigenous school, applying the material with the students to later harvest their perception of the damage that the advance of agribusiness brings to the indigenous people. The research was carried out through interviews, observation, application of school activities, application of forms and construction of geographic drawings. The results show us the great preoccupation of the leaders with the advance of agribusiness on indigenous lands and that the students' perception of the problem became easier from the material built from the perspective of the indigenous person.

KEYWORDS: Agribusiness, Environmental impacts, Indigenous School Education, Capitalism.

1 | INTRODUÇÃO

É sabido que os povos indígenas ocupam a região amazônica desde tempos imemoriais e o direito a pertencer e permanecer no lugar em que está é garantida pela Constituição Federal de 1988. Os povos de origem amazônica têm suas relações sociais estabelecidas a partir das peculiaridades de sua cultura local, na qual está sob influência do clima, do território, das heranças culturais sobreviventes através dos anos, dentre outros. Nesse contexto, entende-se que a Amazônia possui uma influência notória na vida cotidiana daqueles que nela residem. Logo, todo ou qualquer fenômeno que venha alterar a normalidade da natureza biológica do território Amazônico, pode gerar consequências negativas para a vivência sociocultural dos povos habitantes nela. Inserido nesse contexto, é possível perceber na região do Tapajós os impactos ambientais ocasionados por algumas atividades vinculadas ao agronegócio, que passam a promover impactos negativos para os territórios indígenas, ocasionando a própria perda de território e modificações em sua forma de vida. O Brasil ao se ligar de forma indiscriminado a rede capitalista mundial, passa a negar direitos as minorias étnicas, dentre elas os povos indígenas. Um desses direitos negados, entre muitos outros, está um sistema de educação que atenda, conforme estabelecido na Constituição Federal e em outros documentos posteriores.

Assim, o objeto de estudo da pesquisa são os problemas relacionados aos impactos ambientais que ocorre pela inserção do cultivo da soja na região oeste do Estado do Pará, especialmente com relação a região do Tapajós, município de Santarém, sob o olhar dos sábios indígenas e estudantes do 6º ano do ensino fundamental, todos moradores da aldeia Açaizal.

Diante da problemática instalada e sob a ótica da educação escolar intercultural indígena, o estudo se pautou na busca de respostas a seguinte questão: Quais ações educacionais podem estar sendo inseridas no processo de ensino de alunos da Escola Indígena Dom Pedro II que podem contribuir para o entendimento das problemáticas ambientais, étnicas e sociais decorrentes do cultivo da soja e de outras culturas do agronegócio na região do oeste paraense?

A questão ambiental e a educação escolar indígena são temas particularmente relevantes para a região Amazônica, constante referência mundial quanto ao seu potencial biológico, especialmente pelas riquezas naturais da fauna e flora e a extensa lista de povos indígenas que nela habitam e que possuem com a floresta uma relação de reciprocidade e cuidado.

No entanto, nas últimas décadas, outros aspectos têm tomado o noticiário sobre esta parte da Amazônia. Dentre eles, dois preocupam sobremaneira as populações indígenas pela potencial possibilidade de causar desequilíbrio ambiental em seu habitat: 1) o desmatamento de grandes áreas de florestas nativas e o 2) avanço das fronteiras do agronegócio, principalmente da soja.

Tal preocupação se justifica pelo fato de, apesar da região também ser habitada por caboclos, ribeirinhos e imigrantes, são as comunidades indígenas as possuidoras das mais fortes raízes no lugar, contribuindo ainda mais para a caracterização da Amazônia como uma terra cheia de desafios aos que nela buscam oportunidades de trabalho e moradia. Dados colhidos pela Comissão Pastoral da Terra tratam por evidenciar de maneira clara essa realidade, especialmente no que tange a região do Tapajós. Segundo a Comissão Pastoral da Terra – (CPT) – Diocese de Santarém:

A Comissão Pastoral da Terra (CPT), desde 2005 vem acompanhando e monitorando a expansão do monocultivo da soja no Pará². [...] Em Santarém, com a construção do porto graneleiro, da multinacional Cargill, a região passou a ter um pólo promissor para o plantio de soja, apesar das denúncias de ilegalidade desse porto. [...] Esta corrida voraz por terras causou muitos conflitos sociais e se tornou comum ouvir relatos de casas queimadas, expulsões de famílias, ameaças de morte, intimidações às lideranças, grilagem de terras, supressão de florestas que também se tornaram manchetes dentro e fora do Brasil. (CPT, 2010, p.1).

Nesse contexto, é possível perceber que além dos indicadores ambientais negativos ocasionados por essa prática, surge ainda o agravante dos problemas do impacto nos territórios indígenas, na qual a ambição do homem é demonstrada por meio à invasão e uso indevido as terras indígenas, que se revela em afronta a Carta Constitucional Brasileira, pois esta garante aos povos indígenas o direito originário sobre as terras que tradicionalmente habitam, bem como o usufruto exclusivo dos bens naturais dessas terras.

No entanto, consolida-se na região Oeste do Pará o avanço do capital privado e é difícil a reversão dessa realidade, pois do outro lado estão poderosos grupos econômicos multinacionais, prejudicando a afirmação de indígenas em seu território, a moradia e manutenção da cultura a partir de seus costumes e práticas cotidianas.

Tratar a questão do território e do meio ambiente da aldeia, no currículo da escola indígena, é de suma importância, pois não há como entender o espaço no qual vivemos em suas peculiaridades sem perceber os elementos sociais que o cercam. Nesse sentido, Santos (1977) propõe que a categoria formação econômica e social se mostra adequada

para ajudar à formulação de uma teoria válida do espaço, embora não seja possível falar de uma lei separada do desenvolvimento das formações espaciais, mas sim, de uma formação socioespacial.

Importante lembrar que preservar as florestas e toda riqueza existente nela depende em grande medida do esforço e luta dos beneficiados por ela, assim, é inegável afirmar que a demarcação de território indígena se mostra como uma demanda urgente, pois apesar de se perceber uma evolução da mentalidade a esse respeito e alguns avanços quanto às políticas públicas, a morosidade da justiça ainda atrasa determinados processos, apesar de relatos de comunitários e provas comprobatórias de sua origem indígena. Essa percepção se torna evidente quando se verifica alguns relatos registrados pelo projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (NCSA, 2015):

"Nós vivemos numa terra indígena, de índio mesmo, todos nós somos indígenas. A primeira família que era um senhor conhecido como João Grande e o outro, Benilsimo, e depois veio outra família, que foi nossa raiz, que era Munduruku. Eles eram uma mistura de Munduruku e Apiaká. [...] Esse Apiaká eu conheci ele com vida. Mas os outros parentes dele eram Munduruku. No caso nós tivemos a raiz, que hoje nós somos reconhecidos como Munduruku através deles. [...] E até hoje nós ainda temos o sangue deles por aqui". (NCSA, 2015 Raimundo Nonato do Lago, Oficina de Mapas, Aldeia São Francisco da Cavada, em 25/08/2012).

Dentre os vários fatores da ameaça ao ambiente e a questão territorial indígena, a monocultura da soja na região amazônica tem destaque relevante, assim como o avanço da pecuária em extensões de floresta nativa. O cultivo do grão foi intensificado nos últimos dez anos, tendo como consequências a descaracterização da paisagem da floresta, além de danos aos ecossistemas da região. Apesar da exuberância apresentada pelas plantações, a maioria dos solos nos quais está fixada não possuem grandes riquezas de nutrientes. Embora as manchas de solos muito e moderadamente férteis somaram uma área equivalente a todas as áreas de produção agrícola do resto do Brasil, pois a maior parte dos solos amazônicos, possuem uma restrita camada de matéria-orgânica encontrada na superfície, conhecida como húmus. Ou seja, essa fertilidade foi desenvolvida graças a floresta nativa e a ciclagem de nutrientes. Com a retirada da floresta e subsequente implantação de monocultura e gado é previsto que em poucas décadas essa fertilidade venha a diminuir drasticamente, necessitando de insumos externos.

O cenário a partir da introdução do cultivo da soja na região, além de modificar a estrutura física, implicou em divergências intensas sobre o novo modelo de plantação. Até a chegada dos imigrantes da Região Sul, a agricultura de subsistência era a principal atividade das comunidades. A herança cultural indígena se expressa nos hábitos e na história de todos os moradores, contudo boa parte dessa cultura se perdeu gradualmente desde a chegada do não indígena, tentando sobrepor sua cultura sobre a cultura do povo nativo. O enfrentamento do problema socioambiental provocado pelo desmatamento e

o avanço da fronteira agrícola é, pois, necessário e urgente. Isto nos leva a perceber a responsabilidade da escola indígena de forma a atender o que está disposto nas diretrizes curriculares nacionais para a Educação Escolar Indígena no Brasil (BRASIL, 1998). Como, essa responsabilidade fica difícil de ser correspondida devido a falta de políticas públicas que ajudem nessa efetivação, os próprios povos indígenas estão encontrando formas de lutar por seu espaço e por uma escola que seja passível de atender as suas necessidades.

2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada na Aldeia Açaizal, localizada na região do Planalto Santareno, Km 35 da PA370, uma das aldeias integrantes do Território Indígena “KoroDoyb”, do município de Santarém-Pará. As principais atividades econômicas da Aldeia estão relacionadas a agricultura, pecuária, produção de artesanato e funcionalismo público. Entre as manifestações culturais mais fortes destaca-se a culinária, medicina tradicional e rituais. Segundo Rêgo, Vieira e Nascimento (2016), na aldeia vivem 60 famílias.

De acordo com a NCSA (2015a) no Planalto Santareno existem quatro aldeias de origem Munduruku, distribuídas respectivamente nas comunidades de São Francisco da Cavada, Amparador, Açaizal e Ipaupixuna, cujos reconhecimentos são fruto de muitas lutas e mobilizações, evidenciadas pelas reuniões, encontros, manifestos dentre outros instrumentos de mobilização e organização indígena, cuja finalidade permeia as demandas e os direitos indígenas, que preconizados na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/1988) (Brasil, 1988), garantem, entre outros direitos, o reconhecimento dos direitos dos povos originários à terra a qual tradicionalmente ocupam, o reconhecimento das etnias e os direitos básicos como educação e saúde.

No Território Indígena KoroDoyb podem ser percebidas práticas de subsistência como a pesca, a caça, o artesanato, a medicina caseira e a agricultura familiar, representando traços da cultura indígena e com isso constituem-se como símbolos de sua identidade. A esse respeito, Carvalho (1985) explica:

As sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias, utopias, símbolos, alegorias, rituais, mitos. (CARVALHO, 1985, p.11).

Nesse sentido, é perceptível a manutenção da cultura indígena nas aldeias localizadas no Planalto Santareno como um compromisso, uma prática cotidiana, expressão das formas de ser e viver das comunidades. Esse fenômeno é marcante no relato de uma das comunitárias de Açaizal, descendente da etnia Munduruku, quando conta sua prática de maneira poética, sendo uma relação entre a memória permeada pelos saberes ancestrais, tradicionais voltados para a realidade:

“Esse aqui é nosso sabão caseiro. A gente sabe fazer sabão caseiro, remédio caseiro que tem uma riqueza tão grande. Ainda agora eu estava falando pra ela daquela erva, aquela vassoura que chama vassoura de botão, que é boa pra catarro no peito, pra todo tipo de inflamação ela é boa. Às vezes a gente não dá crédito nisso, mas tem muita riqueza na nossa comunidade. Muitas vezes a gente não dá importância nisso, mas as nossas aldeias são riquíssimas em remédios medicinais” (NCSA, 2015b, Oficina de Mapas, Aldeia Açaizal, em 12/08/2015).

A área que compreende o território “Korodoyb” é composta de roçados, as sedes das Aldeias, o lago do Maicá, e igarapés. Nestas áreas, os indígenas habitam há bastante tempo e nela desenvolvem suas relações de parentesco e solidariedade, compartilham os recursos naturais e suas histórias de vida e mais, recentemente, têm compartilhado também problemas de invasão e destruição de suas florestas e igarapés.

Metodologicamente podemos caracterizar o estudo, com uma aproximação nas premissas da pesquisa-ação, em razão da intervenção realizada no contexto educacional da Aldeia Açaizal para obtenção dos resultados. “A Pesquisa-Ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo” (THIOLLENT, 2004, p. 14). A Pesquisa-ação é uma forma de investigação centrada em uma auto-reflexão coletiva desenvolvida pelos membros de um grupo social com vistas a melhorar suas práticas sociais, educacionais e o entendimento das situações vividas no determinado contexto social.

Nossos interlocutores¹ no estudo foram o Cacique da Aldeia Açaizal, 1 (um) sábio², 01 (uma) professora da Escola Indígena Dom Pedro II e os alunos do 6º ano do ensino fundamental da escola da aldeia. Com o cacique, o sábio e a professora desenvolvemos entrevistas semiestruturadas. Com este instrumento, se amplia o espaço de participação na construção de informações acerca do tema. As entrevistas tiveram como objetivo, constituir um corpo de informações sobre o tema em estudo a ser transformado em material didático, específico, a ser aplicado com os alunos da escola da aldeia. O sábio foi indicado pelo Cacique dentre as pessoas nas quais conhecem a história, tanto do Território Korodoyb quanto da Aldeia Açaizal e a professora selecionada atua com a disciplina de geografia no 6º ano do ensino fundamental. Todos foram instigados a responder a seguinte pergunta: Como era a aldeia Açaizal na época que o senhor chegou aqui?

Para entrevistar o cacique e o sábio, usamos como parâmetro o tempo de vivência no local da pesquisa, o caráter simbólico enquanto autoridade indígena e o conhecimento espacial acerca do local de pesquisa. Quanto a professora, o critério foi ministrar a disciplina Geografia. Os depoimentos foram gravados somente em áudio. Deixamos os interlocutores a vontade para contar o que sabiam, relatar suas vivências e as transformações percebidas na aldeia e no território indígena. Visando preservar a identidade dos participantes, os

1. A todas as pessoas foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde tomaram conhecimento da pesquisa e de adesão ao projeto, conforme procedimento padrão da UEPA;

2. Pessoas que tem conhecimento da história, cultura e ambientes da aldeia e do território.

depoimentos são indicados pela letra C para cacique, S para sábio e P para professora. Além das entrevistas, a constituição de dados formou-se pela observação do cotidiano da aldeia e práticas indígenas e pelo registro fotográfico da paisagem.

A segunda etapa da pesquisa foi transformar os depoimentos dos moradores e as observações locais em um material didático direcionada à alunos do sexto ano do ensino fundamental da Escola Indígena Dom Pedro II, da Aldeia Açaizal, com o objetivo de possibilitar o debate e a compreensão entre os alunos dos malefícios causados pelas práticas do agronegócio, assim como as grandes perdas de territórios que por uma ambição continuada, tendem a ocupar espaços pertencentes por direito aos povos indígenas. Desta forma se percebe a sociedade capitalista brasileira se apropriando dos territórios tradicionais de forma insidiosa e destituindo os povos locais de seu lugar ancestral. A turma do sexto ano era composta de 7 (sete) alunos, com idades entre 11 e 12 anos e o aplicação do material didático foi realizado em 5 encontros semanais. No último encontro, os alunos responderam a um pequeno roteiro de entrevista sobre a vantagem de trabalhar com material didático produzido pela e para a comunidade da aldeia e sobre o aprendizado sobre os impactos ambientais causados pelo agronegócio.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Pedro II, pauta suas ações na educação escolar indígena, oferecendo consideráveis contribuições para a educação escolar indígena na comunidade de Açaizal, procurando proporcionar uma educação contextualizada e bilíngue, abrindo espaço para novas ideias e novas formas de discurso etno-educacional.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como já expresso anteriormente, apesar da CRFB/1988 garantir aos indígenas o direito de usufruto exclusivo sobre os bens naturais das terras que tradicionalmente ocupam e determinar à União o dever de proteger as comunidades indígenas e suas manifestações culturais, a preservação do meio ambiente em terras indígenas depende, em muito, da ação dos próprios indígenas em proteger o meio ambiente da aldeia, seja através de luta contra invasores e expansão do agronegócio, seja por ações internas de proteção do potencial natural das aldeias.

A cada visita à aldeia Açaizal eram perceptíveis as peculiaridades do povo Munduruku, seja no modo de vida cotidiano, nos costumes ou na simples necessidade de viver e ter sua subsistência retirada da própria terra, levando-nos ao entendimento de que as investidas das lavouras de soja em terras indígenas causam flagrante prejuízo aos costumes dos povos tradicionais. É o observado no depoimento abaixo:

C. [...] “as modificações que a soja trouxe foi de cunho logo paisagístico alterou totalmente a paisagem a geografia da aldeia e com isso trouxe inúmeros problemas ambientais, porque antes da chegada da soja toda essa

área que hoje é ocupado por essa monocultura ele tinha várias plantações, sítios, antigos sítios, onde as pessoas colhiam a jaca, colhiam laranja, tinham pés de coco, várias frutas que as pessoas utilizam para o sustento e depois que a soja entrou, os proprietários derrubaram e desmataram todas essas áreas. Tinha grandes áreas, tinha castanheira nessas áreas, tinha piquizeiro, tinha grande quantidade de mangueiras e tudo isso servia de alimento para o pessoal da aldeia”.

“A nossa luta é principalmente contra esse tipo de desrespeito que acontece voltado pra derrubada de floresta... de mata, aterro dos nossos igarapés, poluição, isso tudo provocado principalmente a partir da chegada da soja em nossa região. Isso se intensificou mais a partir desse momento, porque nós preserva e luta contra o desmatamento, contra tudo que vem nos afligir”.

No depoimento do cacique temos um panorama de como a expansão da fronteira agrícola, ao mesmo tempo que vem impactando fortemente a paisagem natural da aldeia e do território, tem gerado um sentimento de luta contra o desmatamento, de um lado, e de preservação, de outro.

De fato, o § 2º do artigo 231 da CRFB/1988, prevê que as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios se destinam a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes. Os índios cuidam da terra porque com elas tem uma relação de identidade e dela retiram a maior parte do que precisam para viver. Segundo relatório da Rights and Resources Initiative ((TAULI-CORPUZ; ALCORN; MOLNAR 2018), as terras indígenas contribuem para o equilíbrio ecológico pois a maioria dos povos indígenas tem profunda compreensão da natureza e ajustam suas práticas para mantê-la em equilíbrio. Esse cuidado se manifesta no depoimento do sábio:

S. “Lá em casa tem muda de castanheira, mas ninguém quer plantar uma muda de castanheira porque não tem fé que aquilo vai dar. E nós estamos com 50 anos aqui, e tem castanheira produzindo. Se nós, se o meu pai junto com nós quando era moleque não tivesse plantado, hoje nós não tinha”.

Um dos elementos identitários mais fortes de um povo indígena é sua ligação com a terra, o profundo respeito pela natureza e a compreensão de por eles serem indígenas, são partes integrantes do ecossistema, refutam a ideia de supremacia sobre a natureza, zelando por sua manutenção e preservação. A CRFB/1988, em diversas passagens, busca consolidar um sistema de proteção às terras indígenas. Souza Filho (2013), nos lembra que a CRFB/1988, além de ser a primeira a incluir os direitos dos povos indígenas continuarem a sê-lo, estabeleceu com muita propriedade e talento os seus direitos sociais e territoriais.

O primeiro é o direito a existir, que corresponde o direito à vida. Nesse caso, não se trata da vida individual de cada pessoa (é claro que cada indivíduo tem direito à vida), mas do direito a existência como grupo, isto é, a viver segundo seus usos, costumes e tradições, a viver segundo sua própria ordem (SOUZA FILHO, 2018, p. 89).

No entanto, tal direito nem sempre é respeitado, principalmente quando entra em confronto com o grande capital internacional. Para Castro (2017), as alterações territoriais presenciadas hoje na Amazônia são fruto da interação entre processos locais e a dinâmica dos mercados globais, fundamental para identificar as conexões explicando os fluxos transnacionais e a pressão de estruturas e de agentes econômicos sobre os recursos naturais. Por sua vez, Marés (2013), afirma:

Tanto a Constituição como a legislação infraconstitucional e até mesmo atos internacionais em que o Brasil é signatário se propõem a proteger as terras indígenas defendendo-as e preservando-as sob o domínio de seus ocupantes tradicionais. Questiona-se, todavia, a efetividade dessa proteção a cada notícia de expurgos e invasões por multinacionais, madeireiros, garimpeiros e fazendeiros e até mesmo decisões judiciais ordenando *reintegração* de posse em favor de não índios em terras indígenas. (MARÉS, 2013, p. 169)

A falta de efetividade na norma constitucional é fortemente sentida no chão da aldeia, o que se depreende do depoimento abaixo:

C. "Além de mudar a situação da paisagem, trouxe essa dificuldade na questão da alimentação que tinha um grande mudança não já não tem quanto tinha passado e aí com o passar dos tempos o seu jeito ele faz começa a fazer seu plantio e aí começa a jogar o veneno de inseto né e aí esses insetos eles não tem do outro a plantação eles partam para plantação do pequeno todo então essa todos os insetos que iriam para aquela plantação vem para plantação produtor aqui não pode plantar um cansado de feijão é porque enche de pragas dessas grandes áreas tem como eles coloca o veneno para afastar ela não tem hoje o produto ele não consegue produzir porque ela tem grande dificuldade nesse sentido".

[...] "o sojeiro ele vai começá a fazer seu plantiu, e aí começa a jogar o veneno pra poder evitar algum tipo de inseto, começa a jogar inseticida e aí esses insetos eles não tendo outra plantação eles partem para plantação do pequeno produtor, então todos os insetos que iriam para aquela plantação vem para a plantação do pequeno produtor, hoje o pequeno produtor aqui não pode plantar um roçado de feijão porque enche de pragas vindos dessas grandes áreas".

No depoimento também se evidencia a perda de território, aqui concebido como espaço de desenvolvimento da cultura na aldeia. A perda se reflete desde o assoreamento de igarapés até o desmatamento propriamente dito. Essas mudanças são sentidas não só pelos indígenas, mas por todos os frequentadores da aldeia. No depoimento da professora isso fica evidente:

P. "Só era vareda pra gente andar aí nessa estrada. Só era vareda. E não era nem aí, era mais embaixo. Quase bem pertinho do igarapé. Era só uma varedinha. Só era mata, mata. Isso aqui tudo era mata".

O depoimento de P reforça a constatação quando afirma que a abertura de caminhos e estradas modifica fortemente a paisagem. As terras indígenas têm sido alvo de diversas

formas de degradação ambiental. A fragilidade na fiscalização pelos órgãos competentes, o poderio econômico de mineradoras e madeireiras e as grilagens são problemas enfrentados por diversos povos indígenas.

Considerando os depoimentos das pessoas da aldeia e a observação do cotidiano, foi construída junto com os professores da escola um material didático sobre os impactos causados pelo agronegócio na região e implicações relacionadas, como a demora na demarcação de terras indígenas. Dessa forma foi possível trazer para o espaço da sala de aula a situação problema, no intuito de fomentar o debate e construir um entendimento e resistência coletiva da referida comunidade, contribuindo para o fortalecimento e defesa do seu patrimônio cultural.

Nessa perspectiva, entendemos a aproximação do estudo com as bases metodológicas e princípios da Pesquisa-ação, considerando a construção coletiva, e introdução de novos conteúdos programáticos, pertinentes a temática, possibilitando a ação-reflexão acerca dos danos causados pelo agronegócio em seus territórios, conteúdos esses que servem como instrumento de transformação. Foi eleita como base para desenvolver o material didático a disciplina de geografia, mas entendemos que a interdisciplinaridade se faz presente: Foram trabalhados os elementos peculiares da região do planalto santareno como características físicas, os danos socioambientais expostos pela implantação da monocultura da soja, bem como, as questões de territorialização indígena, percebendo-se o sistema capitalista como extremamente danoso aquela população indígena, a seus processos de sobrevivência e também as suas formas de aprender incluído aí a escolarização.

Compreender o espaço, o território e as questões demográficas como influenciadoras na cultura indígena se mostra como uma grande demanda da aprendizagem nas escolas indígenas. A partir dessa ótica, Freire (1996) propõe:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos (FREIRE, 1996, p.16).

Nas atividades com o sexto ano, realizou-se uma discussão acerca dos costumes e dos elementos geográficos constituintes da comunidade de Açaizal e do território Korodoyb e as concepções do espaço, na qual puderam ser expressas nos exemplos das características peculiares do planalto santareno, incluído aí meio urbano e muitos outros elementos do território como a fauna e flora, importantes para o aluno perceber-se no espaço geográfico da aldeia e em suas múltiplas relações. Após essa discussão, as

crianças foram apresentando tais elementos em cartazes, desenhos e outros materiais, mostrando a realidade da aldeia e do território acima citado.

Em seguida, a atividade discorreu acerca da paisagem, na qual os educandos foram conhecendo os elementos típicos da paisagem da aldeia, como os igarapés, as plantações de soja as quais surgem como novo elemento, a floresta e os animais peculiares da região. Nesse momento, pode ser percebido a importância da contextualização da educação, pois os educandos iam interagindo na medida a qual compreendiam a realidade socioespacial em que vivem.

Dentro do elemento geográfico conhecido como “lugar”, a atividade discorreu acerca do entendimento do território indígena, na qual pôde ser discutido os pressupostos e caracterização do território dos povos indígenas e sua peculiaridade em relação aos outros espaços, principalmente em relação a sua importância para a manutenção da cultura.

A próxima atividade foi comparativa entre a geografia do território de antes descrito pelo cacique e sábio e a geografia atual da aldeia, pós introdução da cultura da soja no entorno da aldeia. Os próprios alunos foram exercitando sua memória sobre o ambiente da aldeia, como no depoimento abaixo:

A1. “Antes era tão bom, tinha igarapé, a gente ia brincar. Agora é só lama e dá uma tristeza”.

O depoimento é representativo das mudanças ocorridas na paisagem da aldeia, tanto no aspecto físico quanto nos impactos sobre a cultura do povo. Onde antes tinha um igarapé com volume de água suficiente para as pessoas brincarem, hoje só tem lama, modificando sensivelmente a paisagem e a vida da comunidade e retirando dos habitantes a possibilidade de continuar praticando sua cultura.

4 | CONCLUSÃO

A pesquisa nos permitiu compreender o impacto provocado pelo avanço da fronteira do agronegócio na região oeste do estado do Pará sobre as terras indígenas e a cultura desses povos e de como o sistema capitalista mundial ao qual o Brasil está atrelado interfere decisivamente na vida e no território dos povos indígenas na Amazonia e em especial na região de Santarém.

A primeira constatação diz respeito as modificações no espaço físico da aldeia e interfere nas formas de ser e viver dos indígenas. No relato dos entrevistados é possível perceber a grande preocupação com o desmatamento e o uso de agrotóxicos por parte das empresas agrícolas, as quais afetam plantas, animais e rios, diminuindo a oferta de caça, pesca e frutos. O uso de agrotóxico nas plantações de soja ao entorno da aldeia tem como consequência, também, as pragas sendo afastadas das lavouras de soja e que atacam a produção agrícola dos habitantes da aldeia, implicando ao indígena ser forçado a recorrer

aos produtos industrializados, alterando a cultura alimentar dos habitantes e, ao mesmo tempo, os expõem a doenças as quais não faziam parte de seu repertório e para as quais a medicina indígena tradicional não tem respostas, obrigando-os a recorrer aos hospitais das cidades próximas.

Outra consequência é o relativo afastamento das gerações jovens de suas raízes culturais e apego à terra. O relato do sábio é significativo ao afirmar que não se planta uma castanheira porque demora muito tempo para gerar frutos. Também os banhos de igarapé, as brincadeiras e o próprio cotidiano das pessoas da aldeia são alterados. No relato da aluna, cuja mudança no espaço geográfico da aldeia gera tristeza, se destaca uma mudança para pior na qualidade de vida das pessoas. O depoimento do cacique também nos mostra que os indígenas não estão parados e esperando as consequências do avanço do agronegócio, ao contrário, têm se organizado para lutar por seus direitos no plano externo e, ao mesmo tempo, buscar nos habitantes da aldeia um sentido de preservação do ambiente.

Uma constatação é de que os indígenas carecem de apoio do poder público, da sociedade civil organizada e de defensores tanto da questão ambiental como da causa indígena, pois estão em luta contra poderosos grupos econômicos multinacionais, para os quais o objetivo é o lucro e as questões ambientais não são prioridade.

Quanto à questão educativa, um dos problemas crassos que enfrenta a educação escolar indígena para a maioria dos povos indígenas é a inexistência de material didático específico e diferenciado na escola, produzido de acordo com a especificidade de cada povo indígena respeitando os elementos identitários de cada cultura e o projeto societário da aldeia e do território indígena. Na escola Dom Pedro II, da aldeia Açaizal, não é diferente. Os materiais quase sempre são os fornecidos pela Secretaria de Educação e não contemplam as formas de ser e viver do povo. Assim, o material didático construído a partir das vozes de pessoas da comunidade se mostrou um elemento fundamental no oferecimento de uma educação contextualizada, na qual a realidade cotidiana dos educandos sirva como referencial de aprendizagem, evidenciado pelo fato dos alunos corresponderem de maneira positiva, pois puderam visualizar os processos de formação e transformação a partir de sua realidade, a qual está marcada pelas lutas dos povos indígenas e pelos problemas decorrentes do cultivo da soja na região.

O processo pedagógico desenvolvido com os educandos se mostrou salutar e participativo, respeitou o jeito de ser e viver dos habitantes da aldeia e as experiências dos educandos, fator este expresso na experiência vivida durante a aplicação do material didático com a comunidade da aldeia Açaizal, onde se experienciou desenvolver uma educação libertadora com os educandos, o que trouxe resultado positivo, podendo ser comprovado nas manifestações dos educandos em cada momento das atividades propostas. É possível afirmar que o material didático possibilitou, de maneira contextual, o entendimento acerca dos conceitos de espaço, paisagem e território, expressando de maneira clara a realidade

cotidiana da Aldeia “Açaizal” em suas peculiaridades e questões socioculturais e étnicas. As respostas dos alunos, a construção de desenhos retratando o espaço físico da aldeia e o nível de participação nas atividades propostas nos permitem afirmar que a aprendizagem se torna mais efetiva quando desenvolvida a partir da realidade dos educandos, respeitando os conteúdos específicos de cada disciplina e ao mesmo tempo, promovendo a educação intercultural pugnada pelos povos indígenas desde a década de 1970.

O estudo sobretudo, construiu um debate coletivo com as lideranças da Aldeia Açaizal, com os alunos, e com o professor por meio de entrevistas, materiais didáticos, acerca da temática, do agronegócio, que tem se mostrado extremamente danoso para realidade do povo indígena em geral e naquela aldeia. Ao mesmo tempo, que ensinou o fortalecimento de suas memórias ancestrais, da necessidade da resistência do povo indígena da Aldeia Açaizal, frente a esses desafios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional. 1988.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas Indígenas**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF. 1998.

CASTRO, Edna Maria Ramos de. Amazônia na Encruzilhada: saque colonial e lutas de resistência. In CASTRO, Edna Maria Ramos de (Org.). **Territórios em Transformação na Amazônia: saberes, rupturas e resistências**. Belém: NAEA, 2017.

CARVALHO, J. M. **A Formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Comissão Pastoral da Terra (CPT). **Os impactos Sociais da Soja no Pará**. Santarém. 2010 - Disponível em: <<http://www.cptnacional.org.br1.folha>>. Acesso em: 29 de outubro de 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Editora EGA, Bahia: Vitória, 1996.

MARÉS, Theo. Terras Indígenas. In, Souza Filho, Carlos Frederico Marés de; BERGOLD, Raul Cezar. **Os direitos dos povos indígenas no Brasil**: desafios no século XXI. Curitiba: Letra da Lei, 2013.

Nova Cartografia Social da Amazônia (NCSA). **Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas Munduruku e Apiaká do Planalto Santareno**: Açaizal, São Pedro do Palhão, São Francisco da Cavada, Ipaupixuna e Amparador. Santarém: 2015a.

Nova Cartografia Social da Amazônia (NCSA). **Território Indígena Munduruku do Planalto Santareno**. Coordenado por Alfredo Berno de Almeida (PNCSA) UEPA: Santarém, 2015b.

RÊGO, Gilson de Jesus; VIEIRA, Judith Costa; NASCIMENTO, Nádia Socorro Fialho (Orgs.). **Oceypi Ekawen**: história da nossa terra. Santarém: Comissão Pastoral da Terra, 2016.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo: AGB, 1977. p. 81- 99.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. Os Povos Indígenas e o Direito Brasileiro. In, Souza Filho, Carlos Frederico Marés de; BERGOLD, Raul Cezar. **Os direitos dos povos indígenas no Brasil: desafios no século XXI**. Curitiba: Letra da Lei, 2013.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. Marco Temporal e direitos coletivos. *In*: CUNHA, Manuela Carneiro da; BARBOSA, Samuel (Orgs.). **Direitos dos povos indígenas em disputa**. São Paulo: Editora da UNESP, 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TAULI-CORPUZ, Victoria; ALCORN Janis; MOLNAR, Augusta. Cornered by Protected Areas: Replacing "Fortress" Conservation with Rights-based Approaches helps bring justice for Indigenous Peoples and Local Communities, Reduces Conflict, and Enables Cost-effective Conservation and Climate Action. **Rights And Resources Initiative**. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 25, 26, 27, 30, 33, 35, 36, 67, 69, 105, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 133, 136, 168, 169, 251, 252, 255, 261

Administração Pública 26, 27, 30, 33, 35, 36, 67, 107, 133

Agronegócio 1, 2, 3, 7, 10, 11, 12, 13, 153

Anglo-Americanas 62, 63, 64

Anísio Teixeira 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 87, 93, 124

Assistência Estudantil 84, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 155, 159, 160, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Avaliação 33, 34, 35, 36, 52, 53, 90, 92, 93, 107, 168, 174, 218, 220, 226, 227, 230, 252, 261, 262

C

Capitalismo 1, 28, 36, 116, 235, 252, 283

Cidadania 30, 60, 64, 87, 143, 144, 145, 153, 161, 172, 176, 180, 182, 185, 186, 188, 189, 190, 205, 211, 212, 226, 235, 237, 238, 242, 245, 253, 254

Cidade Educadora 175, 182, 257, 264, 267, 268

Ciências 20, 52, 53, 54, 58, 59, 61, 65, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 75, 105, 126, 128, 129, 130, 131, 142, 190, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 218, 223, 227, 244, 259, 272, 284, 290, 291

Classe Social e Discriminação 202

Colaboração 28, 47, 84, 123, 127, 132, 133, 134, 135, 140, 141, 142, 197, 200, 244, 250, 272

Cooperação 30, 66, 71, 132, 133, 134, 135, 140, 141, 142

Corpo 6, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 118, 160, 190, 214, 217, 221, 225

Cultura de Paz 95, 98, 100, 101, 102, 103, 245

Currículo 3, 33, 47, 61, 69, 70, 82, 124, 125, 183, 185, 190, 191, 192, 194, 218, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 257, 263, 266, 268

D

Debates 21, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 87, 178, 212, 221, 236, 258

Decolonialidade 228, 229, 231, 238

Desigualdade Socioeconômica 143, 145, 146, 151

Dialética 172, 196, 198, 277, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288

Diálogo 31, 55, 67, 68, 71, 91, 98, 108, 136, 172, 179, 181, 183, 197, 198, 199, 200, 204,

210, 213, 233, 249, 260, 263, 266, 267, 270, 271, 273, 274, 275

Difusão de Conhecimento 26

Diversidade 39, 46, 58, 60, 95, 96, 98, 99, 102, 103, 140, 156, 160, 203, 204, 206, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 232, 233, 235, 237, 242, 245, 254, 261, 281

Docentes 29, 52, 53, 91, 115, 116, 117, 125, 126, 127, 128, 189, 213, 218, 223, 224, 225, 237, 259, 265, 266, 268, 272

E

EaD 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 224

Educação 1, 2, 3, 5, 7, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 28, 29, 30, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 76, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 124, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 207, 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 268, 270, 271, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 288, 289, 290, 291

Educação Ambiental 76, 82, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 200

Educação do Campo 15, 16, 18, 19, 24, 291

Educação Escolar Indígena 1, 3, 5, 7, 12

Educação para a Paz 95, 96, 98, 100, 101, 102, 103, 104

Educação Profissional 47, 62, 63, 67, 69, 70, 155, 156, 158, 162, 164, 166, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 249, 277, 288, 289, 291

Educação Profissional Tecnológica 155, 162, 170, 171

Educacional 6, 7, 18, 36, 39, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 61, 62, 64, 66, 85, 93, 98, 99, 100, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 114, 123, 127, 132, 141, 155, 173, 189, 190, 198, 203, 204, 205, 212, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 224, 226, 227, 230, 231, 232, 241, 245, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 258, 261, 276, 277, 282, 283

Emancipação 147, 148, 151, 172, 175, 176, 177, 179, 180, 182, 183, 205, 279

Empreendedorismo Social 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131

Ensino Científico 216

Ensino de Ciências 52, 53, 54, 197, 227, 291

Ensino Médio 137, 138, 139, 140, 155, 158, 160, 162, 164, 166, 167, 171, 172, 173, 174,

233, 235, 236, 237, 247, 261, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 288, 289

Ensino Superior 33, 67, 68, 69, 71, 86, 87, 88, 90, 93, 94, 115, 125, 126, 130, 139, 160, 171, 185, 187, 189, 192, 194, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 226, 227, 264, 268, 269, 290

Escola Comum 39, 42, 43

Extensão 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 72, 73, 75, 88, 89, 91, 92, 110, 111, 150, 160, 161, 168, 192, 196, 197, 198, 199, 200, 240, 241, 242, 244, 246, 257, 258, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 290

Extensão Universitária 28, 29, 30, 31, 33, 36, 192, 196, 199, 257, 258, 264, 267, 268, 269

F

Família 4, 39, 43, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 64, 69, 92, 94, 153, 210, 213

Financiamento da Educação 248, 249, 254, 256

Formação do Pedagogo 185, 188, 261, 263, 266

Formação Inicial 49, 52, 53, 167, 190, 191, 195, 257, 258, 259, 262, 263, 267, 268, 291

G

Gênero 52, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 111, 144, 146, 152, 173, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 213, 214, 215, 230, 231, 236, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247

Gestão da Educação 106, 114, 248, 255, 257, 258, 262, 265, 266

Gestão Democrática 105, 106, 107, 109, 112, 114, 133, 143, 248, 249, 253, 254, 255, 262, 263, 266

I

Impactos Ambientais 1, 2, 7

Inclusão 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 68, 87, 88, 90, 120, 122, 127, 144, 162, 166, 169, 200, 234, 241

Interculturalidade 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247

Intersecção Raça/Etnia e Gênero 202

J

Justiça Social 101, 143, 245

L

Lei Nº 7.040/98/SEDUC/MT 105, 109, 110, 112, 113

Luta de Classes 15, 16, 23, 283, 284, 285, 288

M

Meio Ambiente 3, 7, 21, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 119, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 199

Movimento Social 15, 16, 17, 18, 23, 87

Mulheres 240, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 274

Multiculturalismo 228, 230

P

Pandemia 34, 135, 141, 158, 162, 170, 200, 217, 223, 226

Parceria 23, 26, 43, 47, 65, 66, 92, 120, 194, 224, 286, 290

Pedagogia 13, 15, 19, 24, 46, 70, 96, 103, 105, 146, 175, 177, 180, 182, 183, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 201, 202, 227, 239, 241, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 265, 269, 276, 291

Permanência 39, 42, 45, 47, 48, 49, 68, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 133, 143, 155, 156, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 181, 250, 271, 274

Pesquisa 1, 2, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 15, 16, 24, 26, 27, 29, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 52, 58, 61, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 81, 82, 84, 88, 89, 92, 93, 94, 96, 100, 103, 115, 116, 117, 119, 125, 127, 128, 131, 132, 134, 135, 140, 142, 143, 155, 160, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 178, 183, 184, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 201, 202, 204, 212, 215, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 257, 258, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 272, 273, 274, 276, 289, 290, 291

Política Educacional 18, 108, 114, 216, 219, 248, 249, 251, 252, 253, 256

Políticas Públicas 4, 5, 18, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 46, 49, 50, 87, 103, 106, 113, 114, 132, 133, 134, 135, 141, 156, 157, 158, 170, 172, 173, 175, 185, 186, 188, 192, 194, 217, 218, 238, 240, 244, 245, 249, 261, 262, 267

Práticas Colaborativas 196

Problematização 230, 254, 270, 271, 272, 273, 274, 276

Q

Quase-Mercado 216, 217, 218, 220, 223, 224, 226, 227

R

Recurso Pedagógico 270, 273, 274

Reforma Agrária 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 25

Representações Sociais 72, 73, 74, 75, 79, 81, 82, 83, 212

S

Saúde 5, 15, 24, 64, 82, 84, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 101, 133, 157, 160, 169, 218,

240, 246, 276

Sociologia 69, 124, 126, 150, 154, 183, 214, 228, 229, 233, 234, 235, 236, 237, 238

Surdos 43

T

Textos Imagéticos 72, 74, 75, 78, 82

Travessia 212, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289

U

Unidades Escolares 68, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 113

V

Violência Escolar 202, 206, 207, 213, 215

Violência Simbólica 202, 204, 205, 207, 208, 213, 214

CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora
Ano 2021

CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021